

APRESENTAÇÃO

O Gótico, gênero e modo ficcional do medo e do assustador que nasce como crítica à modernidade fundada pelo Iluminismo, sempre esteve atrelado às mulheres. Graças às obras de autoras como Clara Reeve, Ann Radcliffe, Jane Austen, Mary Shelley e as irmãs Brontë, o Gótico sedimentou convenções temático-estruturais que ainda hoje o distinguem, popularizando-se no imaginário ocidental sob as mais diversas formas de linguagem. Em virtude de seu caráter contestador e transgressor, autoras fundamentais da literatura e ficção contemporâneas, como Emily Dickinson, Kate Chopin, Virginia Woolf, Angela Carter, Clarice Lispector e Alice Munro, por ele transitaram e a ele conferiram novos contornos ainda mais assustadores.

É dentro dessa perspectiva que este dossiê temático da Revista Itinerários acolheu trabalhos que se propuseram a refletir sobre as diversas relações entre o Gótico e as mulheres, em quaisquer nacionalidades e períodos da história da literatura, da ficção e/ou das artes em geral; sob quaisquer vieses teórico-críticos e com os mais variados enfoques – do Gótico como gênero-modo de autoria feminina ao Gótico enquanto teoria e crítica da literatura, das artes, da ficção, da cultura, etc.

Dez artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros enveredaram pelas sendas do noturno e macabro femininos neste dossiê. Juntos, formam um interessante e monstruoso retrato, um estado da arte, de como se encontra a relação, por vezes tensa, entre Gótico e mulheres. Nos textos de Daniel Serravalle de Sá e Maria Aparecida de Oliveira, que abrem o número, encontra-se uma reflexão mais teórica sobre a questão e um passeio pelo legado Gótico da mãe do Feminismo no século XX. No artigo de Guilherme Copati, tem-se uma breve análise de um dos herdeiros do *Frankenstein*, de Mary Shelley, romance que comemorou seu ducentésimo aniversário de publicação em 2018. Nas contribuições de Shirley de Souza Gomes Carreira; Fábio Lucas Pierini e Ana Cláudia Paschoal; Carlos Ferrer Plaza; Caroline Navarrina de Moura, Lis Yana de Lima Martinez e Lucia Sá Rebello; Naiara Sales Araújo e Ludmila Gratz Melo; e Adriana Carvalho Conde encontram-se análises das mais variadas manifestações do Gótico em sua relação com a mulher e o feminino, desde textos literários até jogos de videogame, passando pelo cinema, o que demonstra a imensa produtividade dessa relação. O dossiê se conclui com o artigo de Pedro Carlos Louzada Fonseca, que retorna à Idade Média em busca do medo do feminino. Da Idade Média surgiu o Gótico e sua relação com as mulheres, e é à Idade Média que se deve voltar para se tentar compreender essa assustadora conexão. Deixa-se aqui, por meio desses textos, o convite a todos/as os/as leitores/as que desejam trilhar as sendas de onde resultaram Romantismo, Realismo, Modernismo, Pós-modernidade e o contemporâneo.

Este número da Revista Itinerários traz ainda a seção Varia, na qual são acolhidas contribuições sobre assuntos diferentes do dossiê temático, e uma resenha. Três textos compõem a referida seção: o artigo de Samanta Rosa Maia sobre Cassiano Ricardo, o de Marcela Ulhôa Borges Magalhães sobre ética da arte e estética da vida, e o de Jorgelina Rivera sobre Haroldo de Campos e Octavio Paz. A resenha, de autoria de Ana Elisa Ribeiro, volta-se ao livro *Por el gusto de leer*, de Juan Cruz Ruiz, que se dedica a fazer um panorama da trajetória de vida e profissão de uma mulher editora.

Por fim, os editores deste dossiê sobre o Gótico e as mulheres gostariam de prestar suas homenagens à obra-prima de Mary Shelley, o romance *Frankenstein*, que completou duzentos anos de publicação em 2018. Texto paradigmático; consolidador do Gótico de autoria feminina; fundador do gênero Ficção Científica; criador do primeiro mito da modernidade; protótipo literário do Cinema; paródia-homenagem aos grandes poetas de outrora – Dante, Milton, Lord Byron, Percy Shelley –; resposta da filha à mãe de todos os Feminismos – Mary Wollstonecraft –; resposta da filha ao pai filósofo – William Godwin –; o compartilhamento de um pesadelo; o mergulho da alma humana nos abismos melancólicos do arqui-solipsismo, o tornar-se criador. Tudo isso é *Frankenstein*, e tantas outras coisas mais. Certamente, ao jogar a maldição de Victor Frankenstein e sua criatura sobre todos os leitores da obra – “O que me causou terror também assustará outros”¹ –, Mary Shelley não imaginou o quanto ela proliferaria, o quão longe ela chegaria no tempo, o quão importante ela se tornaria para entender a relação do humano com o ato de criar, relação que o tempo provou ser pautada pela terrível sina da geração de monstruosidades. Quando o humano superar suas limitações filosóficas, teológicas, biológicas, espirituais, mentais, corporais e artísticas, *Frankenstein* não fará mais sentido; até lá, ele continua tão atual quanto em 11 de março de 1818, o dia em que foi publicado.

Os editores agradecem à Mary Shelley e sua obra-prima, sem a qual este dossiê não seria possível.

Cido Rossi
Luciana Colucci



¹ In: SHELLEY, M. Introdução. In: _____. **Frankenstein, ou o moderno Prometeu**. Trad. e notas de Doris Goettems. Edição bilingue inglês/português da primeira edição da obra. São Paulo: Landmark, 2016. p. 14-23.